



A dança de salão voltou em grande estilo às noites do Blue Tree São Luís

PAGS. 2



A diretora geral do Blue Tree Premium São Luís, Jacira Haickel com o Repórter PH, no jantar-dançante do hotel

Álvaro Moreyra: um autor que teve a sua época de glória e hoje é pouco lembrado

PAG. 6

Fotos/Divulgação



O VERNISSAGE da exposição "Cenas da Vida", do arquiteto e artista visual Fernando Motta, na Galeria Dila do Convento das Mercês atraiu um público numeroso e foi o primeiro grande acontecimento artístico-cultural deste mês de novembro em São Luís. Na primeira foto, o artista com sua esposa Cintia e a filha Bianca; nas demais, telas que fazem sucesso na mostra instalada no belo prédio do Centro Histórico da cidade

PAGS. 4, 5 e 6



Viver é perder pessoas. Espero que a frase não soe demasiado trágica, pois não falo aqui dessas pessoas que partiram para o nunca mais. Falo de outras, extraviadas nesta São Luís que, como se sabe, é uma cidade cuidadosamente planejada para o desencontro.

Nos anos 1960 eu cruzava pontualmente às 7 e 45 da manhã, na Rua Grande, com uma bela menina de fita nos cabelos, dona de uns olhos sonhadores. Sei que eram sempre 7 e 45 porque minhas aulas no colégio Ateneu Teixeira Mendes, onde cursei os dois últimos anos do ginásio, começavam às 8 horas e eu havia cronometrado o trajeto, de modo a nunca chegar antes do primeiro toque do sino. As aulas dela deviam principiar às 8 e 30, pois levava ainda um bom trecho até o Colégio Santa Teresa.

Lembro bem que aquele era um tempo em que as meninas usavam uniforme com gravata, geralmente azul e branco, para ir ao colégio. Cruzei por essa menina anos a fio, sem nunca haveremos trocado um bom-dia. Volta e meia eu pensava: amanhã crio coragem, convido ela para a gente matar aula na Praça Deodoro. Mas nunca convidei.

Num desses outonos tropicais fui esperar

PERDER PESSOAS
numa cidade cuidadosamente planejada para o desencontro

alguém no aeroporto e se aproximou de mim um sujeito grisalho, bem-vestido, exalando essa aparência refinada que só o dinheiro compra. Tratou-me pelo nome, disse que era uma pena, pois estava embarcando naquele segundo, mas que qualquer dia desses tínhamos de degustar um bom vinho, dar boas risadas recordando a época das festas no Casino Maranhense. Respondi com monossílabos cordiais: eu não fazia remota idéia de quem fosse o cara. Só fui descobrir minutos depois, ao retirar o carro do estacionamento, operação a qual, não atino por que, me faz reflexi-

vo. O agora bem-sucedido executivo de alguma multinacional tinha sido meu colega em certos ritos de iniciação da década de 1960. A primeira visita a um cabaré na Rua 28 de Julho, as primeiras reuniões dançantes na sede social do Grêmio Litero Recreativo Português, na Praça João Lisboa, clube social frequentado pela chamada alta sociedade, as primeiras paixões, casualmente por duas garotas que eram vizinhas. E eu sequer lembrava mais os jardins cúmplices daqueles palacetes da Rua da Paz.

E tem também a Beldade. Por esse apelido

atendia uma garota que passava à uma da tarde por minha janela na Travessa do Palácio. Era bonita como aquelas girls que apareciam na revista Life, tinha um jeito delicado de estranheira, uma elegância natural de maneiras, um corpo bem feito, um narizinho atrevido tipo o da Susan Hayward no filme Jardim do Pecado. Trabalhava uns tailleurs discretos, que lhe realçavam os seios, umas meias de seda com costura, umas sandálias de salto. Todos os homens, inclusive este adolescente imberbe oriundo de uma pequena cidade do interior do estado, lhe lançavam uns olhares pedintes, mas era como se não nos visse. Desaparecia na escadaria que dá na Praia Grande. Nunca me atrevi a segui-la. Preferia reter comigo sua imagem envolta em sedutores pensamentos. E um dia sumiu, se evaporou, talvez tenha casado, talvez tenha ganhado um contrato de um caçador de talentos. Naquele tempo eu lia muito na revista Cinelândia sobre os tais caçadores de talentos.

Viver é perder pessoas, confesso. Perdi essas três de vista, perdi infinitas outras. E por vezes me pergunto se o paraíso não será uma branda, infinda happy hour em que desfile, num café que jamais fecha, imperdíveis pedaços do passado.



Jacira Haickel e o Repórter PH



Silvana Duailibe Abreu e Milina Gedeon (sentadas); Mariléa Costa e Vanessa Clementino Sousa

A DANÇA DE SALÃO ESTÁ NA MODA

Epode ser uma boa alternativa para queimar calorias, melhorar a postura e tonificar os músculos das pernas, principalmente. Dançando, as pessoas podem conhecer outras pessoas e com elas se divertir bastante.

Aliás, acontece de tempos em tempos. A dança de salão vira mania. Agora ela pegou de novo. O quadro Dança dos Famosos, da Rede Globo, atçou até nos pés mais desengonçados a vontade de rodopiar.

A popularidade da dança de salão se deve, também, à combinação de exercício físico, diversão e a presença de coreografias em redes sociais, que viralizam novos passos e estilos.

Afinal de contas, dançar é uma atividade aeróbica das boas. Aumenta a frequência cardíaca, estimula a circulação do sangue, melhora a capacidade respiratória... E queima muitas calorias.

Junto com um shape mais gostoso e mais

bonito, aprender novos ritmos também mexe com a mente das pessoas, deixando-as mais espertas. “Seguir uma coreografia trabalha coordenação motora, concentração, equilíbrio, agilidade e memória”, explicam os especialistas. Essas habilidades as pessoas percebem na próxima dança, quando começam a fazer os passos com mais graça, mas também leva para o dia-a-dia, ao realizar melhor as suas tarefas. Neste pacote, você ainda lucra no social e vai fazer novos amigos. Esta pode ser a queima calórica mais divertida que você já experimentou!

A música acalma, tranquiliza, traz alegria, estimula as sensações, toca as emoções e, do ponto de vista físico, dançar libera endorfinas.

Através da dança as pessoas conhecem novas pessoas, tem contato físico com o parceiro (ou parceira), faz amigos e precisa ter energia, vitalidade. Em alguns

casos, posso dizer que vale até como uma terapia.

Ciente disso, a diretora geral do Blue Tree Hotel São Luís, Jacira Haickel, deu o pontapé inicial na noite de 31 de outubro, ao promover um jantar dançante que revelou na pista de dança muitos casais que gostam de dançar e se esbaldaram na pista de dança estimulados pelo repertório excelente da banda Calhau Jazz.

E o sucesso da primeira experiência agradou tanto que já está em curso um projeto para promover no local outros jantares-dançantes com o objetivo de atrair os que gostam de dançar e não dispõem, em São Luís, de um local com música especial para praticar a dança de salão.

A seguir, veja algumas figuras da sociedade maranhense que gostam de dança de salão e pontificaram na pista do Blue Tree São Luís, no primeiro jantar-dançante realizado pelo empreendimento hoteleiro.



Danielle e Alfredinho Duailibe



Thatiana e César Bandeira



Luiz Eduardo Sereno Fernandes e Ana Clara Rocha



O Repórter PH com Soraya Gonçalves e Jacira Haickel



Luiz Carlos Cantanhede Fernandes e Melina com a filha Luiza e Silvana Duailibe Abreu



João Azevedo e Beth com Virginia e Roberto Albuquerque



Déia e Luiz Campos Paes



Cida e José Aparecido Valadão



Kátia e Marcone Rocha



Nilson Frazão Ferraz e Flávia



Thatiana Bandeira e o Repórter PH



Fotos/Divulgação

Júlio Moreira Gomes Filho será condecorado com a mais alta honraria do Tribunal Regional do Trabalho da 16ª Região (TRT-MA) no próximo dia 19 de novembro

Homenagem no TRT-MA

Em cerimônia que será presidida pela Desembargadora Márcia Andrea Farias da Silva, presidente do TRT-MA, no dia 19 de novembro, às 10h, no Auditório Ari Rocha, localizado na sede do Tribunal, no bairro da Areinha, em São Luís, serão homenageadas personalidades e instituições que se destacaram por suas relevantes contribuições à Justiça do Trabalho, à cidadania e à promoção da justiça social, com a Ordem Timbira do Mérito Judiciário do Trabalho, a mais alta Comenda do TRT-MA da 16ª Região.

Entre os agraciados deste ano, na categoria Grande-Oficial, está o advogado Júlio Moreira Gomes Filho, presidente reeleito da Academia Maranhense de Letras Jurídicas (AMLJ).

Homenagem no TRT-MA...2

Considerado um dos mais atuantes profissionais de sua geração, Júlio Filho também exerce as funções de vice-presidente do Conselho da Comunidade Luso-Brasileira do Maranhão (CCLBMA) e diretor-tesoureiro do Instituto Beneficente Áurea Faria.

Sócio-administrador do escritório Moreira Gomes & Vilas Boas Advogados Associados, Júlio Moreira Gomes Filho construiu uma trajetória sólida nos campos do Direito Empresarial e Trabalhista, sendo amplamente reconhecido por sua competência técnica, dedicação à advocacia e relevantes serviços prestados à sociedade maranhense.

A condecoração com a Ordem Timbira representa mais um marco em sua carreira e um reconhecimento público ao seu comprometimento com a justiça, a ética e o fortalecimento das instituições jurídicas do Maranhão.

Os doceiros de rua

Dia desses, ao ler a crônica “Os doceiros de rua”, de Carpinejar (4/11), me veio uma lembrança muito viva da minha infância: os carrinhos de picolé passando na rua o ano inteiro – na minha pequena cidade é sempre verão –, com aquela buzina inesquecível que se reconhecia de longe.

Eu corria descendo as escadas de casa para alcançar o moço do picolé antes que ele virasse a esquina.

Essas pequenas cenas da infância são pura nostalgia – lembranças simples, mas cheias de afeto, de um tempo bom que ficou guardado na memória.

De quem é a culpa?

O famoso autor Voltaire, em uma de suas obras, colocou na boca de seu personagem Dr. Pangloss a afirmativa de que “Os óculos existem porque o nariz existe”.

Afirmativa e consequências que, sob medida, se aplicam ao recente e desastroso raciocínio em que o presidente Lula se pronunciou sobre os traficantes serem vítimas de usuários.

De uma forma mais popular, simples mortais muitas vezes referem que, em estupros, a culpa é do sofá.

Inauguração no Rio

O empresário Antônio Rodrigues, da rede Belmonte, inaugura, neste sábado, 8 de novembro, a nova Padaria Ipanema, no Rio, espaço gourmet 24h instalado num prédio histórico de 1911.

A restauração devolveu ao imóvel sua antiga fachada e detalhes originais, como os basculantes e o letreiro em relevo descobertos durante a obra.

O projeto combina arquitetura clássica e estilo industrial – com vigas aparentes, móveis entalhados e espelhos em arco.

Inauguração no Rio...2

No térreo, a padaria dividirá espaço com uma adega de vinhos nacionais e uma cozinha envidraçada voltada para a Visconde de Pirajá.

Nos fundos, um salão com claraboia natural se abre para mesas internas e externas na Joana Angélica.

Um elevador panorâmico leva ao segundo piso, onde ficam a produção e a viennoiserie, e ao terraço com vista para a Praça Nossa Senhora da Paz, que terá teto retrátil, bar e telão.

O real bicho papão

Uma crônica do psicanalista Mário Corso sob o título “O real bicho papão” é bem didática sobre o perigo da internet para nossas crianças.

Narra o suicídio de uma menina de 10 anos, à noite, na solidão de seu quarto. Ela sofria bullying na escola devido ao uso de aparelho ortodôntico.

Pode isso? Sugiro a todos os pais ficar de olho nos seus filhos pequenos, pois a internet tem sido “palco” de muitas desgraças familiares envolvendo crianças e adolescentes.

História Ilustrada do Vestuário

Vale a pena ler, ou reler, o livro “História Ilustrada do Vestuário”, uma obra de referência ricamente ilustrada que combina dados históricos com estudos de dois grandes artistas gráficos do século 19: Auguste Racinet e Friederich Hottenroth.

Apresentados cronologicamente e divididos por temas, os desenhos acompanham textos de especialistas e trazem ricas informações sobre a história da vestimenta.

As ilustrações das silhuetas revelam as variações das formas, modelos e cortes em cada época, e notas chamam a atenção para motivos recorrentes até os dias atuais. E traz, ainda, um capítulo sobre acessórios e um glossário abrangente.

História Ilustrada do Vestuário...2

A obra revela o percurso da moda através dos séculos e traz um capítulo exclusivo sobre acessórios. E apresenta uma rica pesquisa baseada em dados históricos e informações descritivas da indumentária do Egito antigo até o final do século XIX.

Organizado por Melissa Leventon, o livro traz informações inéditas, estudos e ilustrações de dois artistas gráficos clássicos.

O trabalho dos dois mestres é apresentado de forma cronológica e dividido por temas, revelando o percurso da moda através dos séculos e detalhando os estilos do vestuário e dos acessórios.

“Douce France”

Fato pouco conhecido pelos brasileiros que amam a música do Velho Continente: foi na cidade paulista de Amparo, onde passava férias nos anos 1940, que Charles Trénet começou a compor, em parceria com Léo Chauliac, a letra e a música de uma das mais célebres canções francesas – “Douce France”.

Na música, Charles Trénet constrói uma homenagem nostálgica à França, unindo referências literárias e históricas para reforçar o sentimento de pertencimento. A menção a “romances sans paroles” não apenas remete a canções antigas, mas também faz referência direta ao poeta Paul Verlaine, ampliando o tom literário da música. O título “Douce France” evoca o poema épico “Chanson de Roland”, conectando o amor à pátria a uma tradição histórica francesa.

Lançada durante a ocupação alemã na Segunda Guerra Mundial, a canção rapidamente se tornou um símbolo de resistência e esperança, com o público usando o refrão para reafirmar a identidade nacional em tempos difíceis.

“Douce France”...2

A letra destaca o apego às memórias de infância e ao lar, como nos versos “Cher pays de mon enfance, bercé de tendre insouciance, je t’ai gardée dans mon cœur” (Querida terra da minha infância, embalada por terna despreocupação, guardei você no meu coração).

O contraste entre paisagens estrangeiras e a preferência pelo próprio país, presente em “J’ai connu des paysages... mais combien je leur préfère mon ciel bleu, mon horizon” (Conheci outras paisagens... mas quanto mais prefiro meu céu azul, meu horizonte), reforça a valorização das raízes.

Após a libertação da França, a música chegou a ser associada erroneamente ao regime de Vichy, mostrando como símbolos culturais podem ser interpretados de formas diferentes conforme o contexto político.

Décadas depois, a reinterpretação pelo grupo Carte de Séjour, com influências multiculturais, reafirmou a relevância de “Douce France” e seu papel na construção de uma identidade francesa plural e acolhedora.

Ela figura entre as composições europeias que mais recolhem direitos autorais no mundo.

O desafio dos presídios

O debate nacional sobre segurança pública deflagrado pela ação policial que deixou mais de 120 mortos no Rio de Janeiro não deu a devida importância, até o momento, a um ponto fundamental de qualquer política destinada a pacificar as ruas: a necessidade de reorganizar o sistema prisional brasileiro, que hoje funciona, na prática, como embrião de facções, é pouco efetivo na ressocialização e enfrenta graves problemas de infraestrutura e gestão.

A conversão das cadeias em masmorras insalubres e disfuncionais, por representar a imposição de um suplício adicional a quem foi privado da liberdade por cometer crimes graves, é vista com indiferença por uma parcela da população traumatizada pela violência urbana, mas é preciso compreender que quem paga o preço da falência prisional não é somente o detento.

A sociedade como um todo sofre os reflexos das mazelas carcerárias.

O desafio dos presídios...2

Um levantamento do Observatório Nacional de Direitos Humanos, ligado ao Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, revela que o número de presos quase quadruplicou desde o ano 2000, chegando a 850 mil no ano passado.

A escalada no encarceramento coincide com o fortalecimento das facções que aterrorizam boa parte do território nacional.

Não se trata de defender um freio às condenações – quem descumpra a lei deve arcar com as penas previstas.

Em vez disso, urge garantir condições mínimas de infraestrutura e segurança, retomar o controle das galerias e ampliar as políticas de educação e trabalho para fazer com que o ingresso no sistema penal deixe de resultar em formação de mão de obra para as megaquadrilhas.

Estado ausente

O que vemos nas comunidades dominadas pelo tráfico é o retrato do abandono. O Estado some – não há escola, urbanização, saúde nem presença institucional. Apenas o crime ocupa o espaço deixado pelo poder público.

Quando o Estado finalmente entra, vem armado, e logo vai embora. Falta educação, faltam leis firmes contra o tráfico, sobra um sistema carcerário falido e um Judiciário ineficiente.

Enquanto o Estado se omitir, o tráfico continuará sendo o governo paralelo.

A ausência do Estado é a verdadeira raiz da violência – e é ele quem precisa ser cobrado.

Meus amigos são todos assim

O escritor português Fernando Pessoa escreveu um texto sobre amizade que começa com o trecho “meus amigos são todos assim: metade loucura, outra metade santidade”.

O que não tem faltado na internet, desde os tempos de isolamento social, são frases motivacionais. Em alguns casos, inclusive, a autoria da mensagem é erroneamente atribuída a alguém famoso. E, no caso de hoje, o escritor seria Fernando Pessoa.

De acordo com uma mensagem que circula na internet, Fernando Pessoa, em algum momento da vida, teria escrito um texto falando sobre a amizade. Na mensagem, ele teria dito que “meus amigos são todos assim: metade loucura, outra metade santidade”.

Leia a mensagem que circula online: *Amizade segundo Fernando Pessoa* - “Meus amigos são todos assim: metade loucura, outra metade santidade. Escolho-os não pela pele, mas pela pupila, que tem que ter brilho questionador e tonalidade inquietante. Escolho meus amigos pela cara lavada e pela alma exposta. Não quero só o ombro ou o colo, quero também sua maior alegria. Amigo que não ri junto, não sabe sofrer junto. Meus amigos são todos assim: metade bobeira, metade seriedade. [...] (Fernando Pessoa)

Fernando Pessoa escreveu texto que começa com “meus amigos são todos assim”?

Muito legal o texto, afinal sempre é bom ler coisas que nos fazem refletir. Mas será mesmo que a autoria desta “carta sobre amizade” é mesmo do português Fernando Pessoa? A resposta é não. Calma aí que a gente explica tudo para vocês.

Só o histórico de textos falsos atribuídos a autores famosos já nos deixa desconfiados da veracidade da informação. Há pouco tempo desmentimos um texto motivacional atribuído ao próprio Fernando Pessoa. E, assim como no outro caso, a autoria é falsa.

Bastou uma busca para descobrirmos que, antes de ser atribuído a Fernando Pessoa em 2020, o texto em questão já foi atribuído a outros autores como Oscar Wilde e Marcos Lara Resende. Pelas nossas buscas, descobrimos que há um autor chamado Sérgio Antunes de Freitas que reivindica ter criado o texto. Há um registro de publicação (o primeiro que vimos) de 2003.

Buscamos mais um pouco e descobrimos um artigo que mostra que a autoria ainda é questionada e não é possível cravar quem é o autor. O texto aponta, ainda, que o texto surgiu na internet por volta dos anos 2000. Ou seja: não é possível cravar quem é o autor, mas é possível cravar que Fernando Pessoa não é o autor em questão.

Resumindo: a história que aponta que Fernando Pessoa é o autor de um texto sobre amizade que viralizou na internet é falsa. O texto em questão começou a circular na internet nos anos 2000 (séculos depois da morte do escritor português) e já teve a autoria erroneamente atribuída a alguns nomes. Fernando Pessoa é só mais um deles.

Nota: Esse pensamento vem sendo repassado como sendo de diversos autores, entre eles Oscar Wilde ou Marcos Lara Resende. No entanto trata-se de um trecho adaptado do texto “Crônica para os Amigos” de Sérgio Antunes de Freitas, publicado em 23 de setembro de 2003.



Fotos/Divulgação

Na cerimônia de Abertura da Festuris: da esquerda para a direita:Armando Ferreira (Diretor da ABIH-MA), Ronaldo Santinni (Secretário de Turismo do Rio Grande Sul), Nestor Tissot (prefeito de Gramado), Jeová Barbosa (hoteleiro e empresário do Maranhão) e Northon Lenhart (Diretor da FBAH e do Sindicato empresarial de Alimentação e Hospedagem no RS)

Maranhão na Festuris Gramado

O Maranhão marcou presença no Festuris Gramado, o grande evento de negócios turísticos das Américas, que nasceu há mais de três décadas com a missão de conectar marcas, destinos e pessoas para contribuir no desenvolvimento do Turismo.

Com sua internacionalização, o evento B2B mais querido

do Brasil é também o mais efetivo em resultados. Em 2024, na maior edição de todas já realizadas, 53 destinos internacionais buscaram o evento para se promover no Brasil. A cada ano, o Festuris lança tendências trazendo o melhor do turismo brasileiro e internacional para a vitrine gerando, assim, excelentes

negócios ao trade. Em 2025, continuou investindo forte nos espaços segmentados voltados para nichos específicos do turismo. Este ano o evento celebrou o sucesso dos 10 anos do Espaço Luxury, que a cada ano cresce e se consolida como uma das melhores plataformas de negócios turísticos de luxo.



No Hotel Bavária de Gramado, durante a Reunião dos Secretários de Cidades Turísticas Inteligentes: Ricardo Bertolucci Reginato (secretário de turismo de Gramado), Myrna Aragão (urbanista da Prefeitura de Icatu) eArmando Ferreira (Diretor da ABIH-MA)

Fotos/Divulgação/Miguel Viégas



Fernando Motta está em cartaz com sua arte no Convento das Mercês



Fernando Motta com sua esposa, a designer Cintia Klamt Motta, e a filha arquiteta e modelo internacional Bianca Klamt

FERNANDO MOTTA E A ESSÊNCIA DE UM MOMENTO

Ao adotar a aquarela, uma técnica que transita entre a previsibilidade e a surpresa espontânea, o dublê de arquiteto e artista visual Fernando Motta, embarca numa jornada explorando a versatilidade dessa técnica, mostrando como ela transcende um estilo singular para expressar uma miríade de vozes artísticas. Dos detalhes meticulosos do realismo à liberdade ilimitada da arte abstrata, a aquarela pelo traço desse gaúcho-maranhense é um testemunho das infinitas possibilidades que residem em uma única pincelada.

Ao explorar a versatilidade da aquarela, o artista também homenageia alguns dos mestres que expandiram os limites dessa técnica, demonstrando sua capacidade de capturar uma vasta gama de expressões de arte.

À medida que ele se aproxima do impressionismo ou da pintura com pinceladas soltas, a aquarela, pelo olhar de Fernando Motta, revela a sua capacidade de capturar a essência de um momento. Seu estilo de pintura é caracterizado por pinceladas soltas e visíveis, onde a ênfase é colocada na luz e na cor em detrimento de detalhes intrincados. É uma dança com a aquarela, permitindo que o meio flua e se misture, criando cenas evocativas que tocam a alma.

A coleção de telas “Cenas da Vida”, em cartaz desde o dia 4 de novembro na Galeria Dila, no Convento das Mercês (sede da Fundação da Memória

Republicana Brasileira), embora não sejam exclusivamente aquarelas, são um exemplo perfeito do estilo, de certa forma impressionista, que demonstra a maestria do artista em capturar os efeitos fugazes da luz e da atmosfera.

As obras de arte visual expostas pelo gaúcho-maranhense, exploram cenas da vida sob um céu vibrante e dinamicamente pincelado, capturando o movimento rápido e as sensações imediatas que são tão importantes para a arte. E embora não sejam tipicamente categorizadas como pintura impressionista, as telas da coleção “Cenas da Vida” exemplificam como a técnica do artista, de pinceladas soltas e sua atenção à luz, podem evocar efeitos atmosféricos poderosos.

Nesta nova coleção de pinturas, Fernando Motta combina técnicas tradicionais de aquarela com seu próprio estilo, criando uma presença única e vibrante na arte moderna. Suas cores ousadas e o uso dinâmico da luz dão vida a paisagens urbanas e naturais com notável espontaneidade e fluidez.

As paisagens urbanas e rurais do artista vibram com vida e suas pinceladas soltas e brilhantes capturam os momentos fugazes das cenas cotidianas. Seu trabalho convida o espectador a ver o mundo através de uma lente impressionista, onde as cores se fundem e dançam diante dos olhos do observador. Com suas cores vibrantes que se espalham pela tela, a pintura de Fernando Motta convida o espectador a um mundo onde a emoção e a expressão têm precedência sobre a representação

literal.

Nas aquarelas abstratas expostas na Galeria Dila, as regras convencionais são deixadas de lado, e a experimentação assume o protagonismo. Esse estilo de pintura explora a aplicação da tinta, as texturas e a teoria das cores. E nos convida a brincar, a descobrir conexões inesperadas entre as cores e a criar composições que ressoam com emoção e energia.

As telas de Fernando Motta são marcadas por escolhas de cores ousadas e pinceladas dinâmicas e confiantes. Ou seja, é uma dança expressiva, uma forma de transmitir emoções internas através das cores vibrantes e da aplicação vigorosa da técnica, usando cor e forma de maneiras que transmitam significados que vão além do literal.

Tanto que, em alguns trabalhos, Fernando Motta faz uma abordagem minimalista, demonstrando como a tinta pode ser usada em composições altamente controladas, porém aparentemente simples. O gotejamento metódico da tinta pelo artista cria obras que são ao mesmo tempo rítmicas e serenas, cujo estilo ilustrativo é celebrado por sua delicada precisão e detalhes vibrantes. E sua abordagem ilustrativa dá vida a histórias, conceitos ou personagens por meio de linhas e cores precisas. É onde a arte encontra a narrativa, combinando a fluidez da aquarela com a clareza da ilustração. Esse estilo é perfeito para quem deseja transmitir histórias ou mensagens em sua arte, unindo apelo visual à arte de contar histórias.



Ana Lúcia e Amaro Santana Leite ao lado de uma das telas que adquiriram



Julien Rausier, Ilze Rangel, o Repórter PH, Lu Cutrim, Josenildo (Zil) Oliveira e Deusimar Nogueira



Fernando Motta entre Manoella e Eduardo Jorge Lago



Donizette e Moacir Machado



Sílvia e Roberto Furtado



Marco Antonio Lima, Carminha Cabral, Rosilân Garrido e Fátima Lima



Cintia Klamt Motta com Alberto Marco Filho e Fátima Salomão



O fotógrafo Meireles Junior com Fernando Motta



Rosário Almeida, Teresa Martins e Maria de Fátima Frota

Fotos/Divulgação/Miguel Viégas



Amaro Santana Leite e Ana Lúcia Albuquerque com Cintia e Fernando Motta



Cybele Lauande e Fernando Motta



O Repórter PH com Bianca e Cintia Klamt Motta



Arthur de França Ferreira e Thais com Fernando Motta e Cintia



Pai e filhos advogados: Adroaldo Sousa com Marcos e Raquel Sousa



Lauro Martins, Amaro Santana Leite e o Repórter PH



Gilvan Saboia Vieira e Karla Baldez



Thomáz Travassos e Ludy com os filhos



Patrícia Soledad e o Repórter PH



Laura com os pais Lauro e Idelite Martins



Álvaro César Ferreira e Fernando Motta



Fátima Salomão, Fernando Motta, Alberto Marco Filho, Cintia e Bianca Klamt



Grete Pflueger entre Marco Antonio e Fátima Lima



Mariana Brandão, Manoella e Eduardo Lago, Guilherme Frota, Cintia e Bianca Klamt Motta e Márcia Paz



Cintia e Fernando Motta com Mariana Brandão

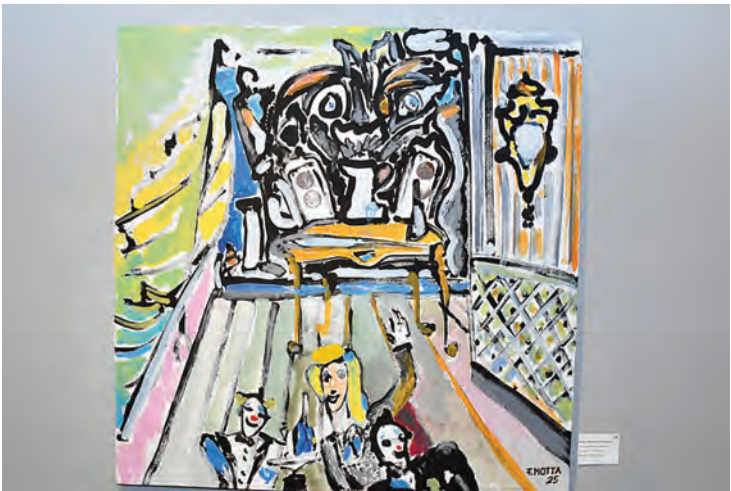


Cintia Klamt Motta com Patrícia Soledad e Ricardo Bogéa



Cintia Klamt Motta com Marisa Consalter, Cybele Lauande e Rosário Almeida

Fotos/Divulgação/Miguel Viégas



Cinco das belas telas que fazem parte da coleção de pinturas “Cenas da Vida”, de Fernando Motta, em cartaz no Convento das Mercês



Cintia e Fernando Motta entre Teresa Martins e a família Laura, Idelite e Lauro Martins



Kêzia Saldanha e Guilherme Frota com Cintia Klamt



Cintia e Fernando Motta com Teresa Martins



Lauro Martins, Fernando Motta e Maria de Fátima Frota



Felipe Klamt e Silvana



Carol Peixoto e Mario Carneiro Junior com Bianca Klamt



Os irmãos Ricardo Furtado, Rachel Furtado Zenni e Roberto Furtado com a esposa Sílvia



Brenda Cavalcante da Fonseca, Fernando Motta e Anderson França Fausto Maia



Bianca Klamt com Vinicius Moreira Jinkings Martins e Giovanna Jansen Xavier



Ana Elisa Pereira, Grette Pflueger e Ana Lucia Bernardes Albuquerque



Genésio Bertrand e Roberto Furtado



Acácia Santos com Cintia Klamt Motta, Rachel Furtado Zenni e Marisa Consalter



Os anfitriões com Elaine Raposo e Fernando Dias



Kécio Rabelo e Ana Maria

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Álvaro Moreyra



Eugênia Álvaro Moreyra, jornalista, atriz e diretora de teatro, foi uma das pioneiras do feminismo no Brasil

Álvaro Moreyra, um autor pouco conhecido

Quando deixei minha pequena cidade de Presidente Dutra para vir morar o resto da minha vida em São Luís, conheci o poeta Nicanor Azevedo, barra-cordense que morou alguns anos no Rio de Janeiro e quando regressou a São Luís dividiu a mesma República com este Repórter PH). Na Cidade Maravilhosa, ele publicou o livro “Síntese” (em 1956), com prefácio do gaúcho Álvaro Moreyra (1888-1964), poeta, jornalista, autor teatral, diretor de publicações como “O Malho” e “Para Todos”.

Hoje, Álvaro Moreyra é um autor pouco conhecido. Nunca é fácil encontrar os motivos que levam um escritor ou um livro a cair no esquecimento, ainda mais quando se trata de um nome que, como Alvaro Moreyra, foi muito lido e imitado em sua época. Talvez pese o fato, neste como em tantos outros casos, de que grande parte da produção de Alvaro Moreyra nunca foi reeditada.

O volume que em 2017 ganhou nova edição pela editora Mauad X, “A cidade mulher”, foi publicado originalmente em 1923 e estava há 25 anos fora de catálogo. O livro é composto por pequenas crônicas (boa parte delas não vão além de umas poucas linhas), recortes do cotidiano tomados ao longo de um ano.

Essa brevidade é, decerto, a primeira coisa que chama a atenção do leitor recém-chegado à obra de Alvaro Moreyra. Uma característica, aliás, de toda sua produção – mesmo em seus livros de memórias, ele adotou a forma fragmentária. Tal concisão é reforçada por uma linguagem enxuta, despojada de qualquer arrebique. Uma “estudada simplicidade” (a definição é do crítico João Ribeiro) que em parte é reação a certa eloquência esparramada, bem brasileira.

Outro tanto se deve a um indisfarçável gosto pelo epigrama. Alvaro Moreyra mostra-se simpático às novidades, as modas que surgem, a influência americana que vai se sobrepondo à francesa. Na crônica “E logo o novo sob o sol”, um moderno Arlequim percorre as ruas da cidade: “E logo o espelho ao lado da mesa mostrou-o dentro do terno palm beach, em pleno século XX, depois da grande guerra na Europa e do Centenário da Independência no Brasil... (...) Na Avenida, os cinemas retiniam. Jack Holt, Mary Miles Minter, Constance Talmadge, Shirley Mason... (...) Uma exposição de quadros. Bondes, carros de mão, muitos rapazes. – Você já leu a Pauliceia Desvairada, de Mário de Andrade?” Mas na tentativa de preservar o efêmero, seu olhar está sobretudo voltado para o fato mínimo. Ao descrever uma cena da vida noturna, ele se afasta da balbúrdia do club que ecoa o tango e o foxtrote e dirige sua atenção ao porteiro que, exausto, cochila ao relento.

A certa altura, ao comentar a obra em prosa do poeta Mário Pederneiras, Alvaro Moreyra parece descrever seu próprio livro: “de impressão sentimental, risonha, espécies de jornais da sua alma e da alma da cidade”. Não podia ser mais certo. Aqui também há muito de um jornal, na sua preocupação em registrar a hora que passa. Indo das ocorrências mínimas à rememoração de episódios históricos, em instantâneos que procuram fixar a agitação da cidade.

Pois a “cidade mulher”, que não é outra que o próprio Rio de Janeiro, parece rejuvenescer com os anos, aos olhos do cronista “tem o tempo contado às avelãs”. Ideia que parece estar em parte ligada às reformas urbanísticas pelas quais a cidade passou desde os tempos de D. João VI. Hoje parece ingênua a ideia de um rejuvenescimento obtido debaixo de golpes de picareta. Da mesma forma como muitas vezes nos soa ingênuo o otimismo que permeia o livro. Mas é preciso notar que essa ingenuidade é procurada pelo cronista, que deseja justamente ver o mundo, desde as coisas mais triviais, com a mesma “expressão ingênua e irônica dos olhos que viram os primeiros aeroplanos”.

Porta aberta para o infinito

Calhou que, há alguns anos, quando participei de um curso sobre o ensaísta Nelson Rodrigues, no contexto do Festival de Inverno de Porto Alegre, guardei uma das frases rodriguanas que mais me comovem: “Qualquer telefonema é uma porta aberta para o infinito”). O local: Sala Álvaro Moreyra, ali no Centro Municipal de Cultura Lupicínio Rodrigues. O nome da sala é que é o gancho, aqui.

Chego em casa, certo dia depois desse curso, e recebo um pacote do correio – um livro, também ele uma porta aberta para a beleza, sempre. E, nesse caso, era realmente uma felicidade das grandes: a recente edição de Os 25 Poemas da Triste Alegria, de Carlos Drummond de Andrade, num trabalho caprichado como costumam ser os da editora Cosac Naify.

Ora, mesmo os muito leitores de Drummond desconheciam solidamente esse livro: trata-se de um datiloscrito do autor, datado de 1924, nunca levado à prensa, exemplar único feito no capricho pelo poeta e por sua então noiva que foi emprestado a um amigo e extraviado por décadas – até reaparecer e cair na mão certa, a do bibliófilo, estudioso de literatura, professor e também poeta Antônio Carlos Secchin, uma bela figura de intelectual ativo. Pois o Secchin deu tratos à bola e viabilizou essa edição, que é imperdível por todos os motivos poéticos, acrescentados do motivo histórico e do editorial. A edição conta ainda com precisas e necessárias notas do mesmo Secchin, mais uma significativa coletânea de textos de jornal (de 1923 e 24) do futuro poeta Drummond, mas no papel de comentarista de poesia.

A edição teve a delicadeza de estampar a própria imagem do datiloscrito, acrescido de fac-símile da anotação à mão que o poeta após a cada poema, com comentários, em regra, azedos. Esse azedume era do poeta já bem mais maduro, em 1937, portanto depois do estrondoso sucesso que tivera em 1928, com a publicação do proverbial poema No Meio do Caminho em revista vanguardista de São Paulo, ou desde 1930, com a publicação de seu primeiro livro conhecido, Alguma Poesia.



O Rio de Janeiro na primeira metade do século XX

Um pulo para nossa conversa aqui: o primeiro dos 25 poemas se chama A Sombra do Homem que Sorriu e diz assim:

Ah! que os tapetes não guardem
a sombra inútil dos meus passos...
Eu quero ser, apenas,
um homem que sorriu e que passou,
erguendo a sua taça, com desdém.

Isso em 1924. Poema relativamente bem-comportado, como se vê, embora marcado por certa irreverência no tamanho curto, certo desejo de contrariar o bom-tom conservador. Mas nada da ousadia e da insubordinação de que está cheia a fase madura de Drummond.

A nota de 1937 que acompanha o poema diz assim: “Todas as reticências desse período (e eram mais numerosas no original manuscrito) pertencem, de direito, a Álvaro Moreyra”. Sim, o mesmíssimo nome da sala!



Admiração e recusa

O Drummond de 1937 reprovou as reticências do Drummond de 1924 e as atribuiu ao porto-alegrense Álvaro Moreyra. Secchin aponta que, no livro de 1924, Drummond abusou dos três pontinhos – são 32 vezes, num livro de 25 poemas. Muito? Não tanto quanto o próprio Álvaro Moreyra, que, num livro de apenas 15 poemas, Legendas da Luz e da Vida, havia usado 147 reticências. Campeão mundial no gênero, talvez.

(Entre nós, valeria fazer uma contagem assim para outro gaúcho, mais famoso e mais bem-sucedido no campo poético, Mario Quintana, que visitei duas vezes em Porto Alegre – uma das vezes com Jomar Moraes – outro que adorava suspender a frase, a afirmação, o poema, com a linha de pontos. Familiaridade local?)

Na segunda parte do livro, constam dois comentários sobre o mesmo Moreyra, pelo jovem Drummond. E são a favor do comentado. A respeito do livro Um Sorriso para Tudo..., com reticências já no título, lemos que “a vida presenteou o Sr. Álvaro Moreyra com uma felicidade meio triste: a de sentir com doçura e de pensar com indulgência”.

Mas depois, como aponta Secchin com correção, Drummond mudou bem de ideia. Em 1928, “recusou-se a colaborar na segunda fase da Revista de Antropofagia de Oswald de Andrade alegando que seria inaceitável a presença de Álvaro Moreyra”. Atitude vanguardista, metida a besta, não é?

Álvaro Moreyra

O porto-alegrense Álvaro Moreyra, que influenciou o jovem Drummond e depois foi renegado por ele, nasceu em 1888 e logo foi para o Rio de Janeiro, onde se formou (Direito, 1912) e fez a vida como jornalista, editor de importantes revistas de cultura, escritor, agitador cultural, marido da feminista Eugênia Álvaro Moreyra, os dois figuras destacadas, por décadas. De poeta penumbria quando jovem, passou a um temperamento modernista, inventivo, embora não vanguardista à moda de São Paulo, de Mário ou Oswald de Andrade. Essa diferença, aliás, é motivo para ele ter desaparecido das histórias de literatura brasileira, em regra concebidas como uma consagração do estilo paulista de modernismo, o que implica a renegação ou o simples olvido de tudo o mais.

Álvaro Moreyra ganharia nome de sala de espetáculos em Porto Alegre apenas nos anos 1970, depois de seu falecimento (em 1964), numa boa homenagem. Mas teve tempo, já na maturidade, em 1954, de publicar um delicioso, bem escrito, sensível livro de memórias, As Amargas, Não.... (mais uma vez, reticências desde o título). Livro de leitura importante para entender o autor, sua cidade natal (que aparece em quadros belos, tocantes, singelos) e também o Rio de Janeiro daqueles anos, ao lado de reflexões inteligentes sobre a vida, os amigos, a morte, a inteligência, a literatura.

É no livro que lemos, por exemplo, seu nome completo: Álvaro Maria da Soledade de Pinto da Fonseca Velinho Rodrigues Moreira da Silva. A redução foi bruta, e o “y” inscrito no sobrenome representava uma adesão ao estilo simbolista, tanto quanto Eduardo Guimarães passou a Guimaraens, e Possidônio Machado virou Marcelo Gama, numa preferência por nomes mais aristocráticos ou mais arcaicos, menos aderidos ao presente e à vulgaridade.

Álvaro Moreyra foi lembrado pelos contemporâneos como um grande sujeito, sempre de bom humor, sempre solidário. Palavra de Antônio Carlos Secchin: “Ética, generosidade, disponibilidade para o Outro, eis um somatório de virtudes que não devem deixar à margem um elemento essencial: a qualidade literária do texto de Álvaro, sedutor e envolvente na sua simplicidade, e que, na contracorrente de ideologias niilistas e sombras, ilumina-se num incessante convite à esperança – Sempre se tem vinte anos, num canto do coração”.

[Um trechinho de As Amargas, Não... – Lembranças]
Aquilo foi um verdadeiro curso de artes e ofícios. Tenho aproveitado até hoje. – Música: a banda Floresta Aurora tocava uns dobrados tão bonitos e uma valsa triste, triste, chamada “Sobre as ondas”. Sobre as ondas eu nunca tinha andado... – Pintura: a filha da lavadeira vendia frutas de manhã cedinho e depois ia tomar banho no rio. Meu pai dizia que a filha da lavadeira era uma pintura... – Arquitetura: botei abaixo a casa dos marimbondos. Os marimbondos fizeram outra igualzinha... – Escultura: o brinquedo mais engraçado que eu vi foi uma boneca em cima de uma caixa de música; mexia a cabeça e as mãos para ler um livro. Era da minha irmã que morreu. – Ignorância: agora eu sei uma porção de coisas...

“Pareço-me com ampolas de injeção de bismuto. Tenho em mim as coisas necessárias. Mas preciso ser sacudido para que se misturem”.

Alvaro Moreyra

Uma mulher revolucionária

Quando Eugenia morreu, em junho de 1948, aos cinquenta anos, o paraibano José Lins do Rego escreveu, em um jornal do Rio de Janeiro, que a sua vida “foi toda ela uma servidão voluntária; um desesperado servir a filhos, a marido, a netos, a ideias, e mais do que tudo, ao seu destino de mulher livre, a mais livre e mais corajosa mulher de sua geração, e mesmo, do seu país”.

Evandro Júnior
evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

_evandrojr
@evandrojr



Evandro Júnior com a diretora da BRK no Maranhão, Sandra Leal, Adriana Vieira (InterMídia), Aline Marques e Hans Cutrim (BRK)



Sandra Leal (BRK) recebendo as executivas comerciais do Grupo Mirante, Luciana Lemos e Madelon Araújo



Os anfitriões da Villa do Vinho Bistrô, Werter Bandeira e Beto Soares

Jantar para celebrar uma década de trabalho

Desde 2015, a BRK, uma das principais empresas privadas de saneamento do país, tem contribuído para a transformação e qualidade de vida dos moradores de Paço do Lumiar e São José de Ribamar, municípios maranhenses atendidos pela concessionária com os serviços de água e esgoto. Ao completar uma década na operação desses serviços, a empresa apresentou, em almoço para a imprensa no Villa do Vinho Bistrô, os resultados dos investimentos realizados para a recuperação e ampliação do sistema de abastecimento de água, e as diversas obras e melhorias, a fim de proporcionar a universalização e a garantia do acesso da população à água de qualidade, promovendo, uma grande mudança no cenário do saneamento local. Já foram construídos 7 grandes novos Centros de Reservação, Tratamento e Distribuição de Água, garantindo um abastecimento regular e de qualidade à população. E mais de 450 km de redes e adutoras, possibilitando o acesso ao serviço por parte de mais de 90% dos moradores dos dois municípios. Os dados foram apresentados pela nova diretora de Concessão da BRK no Maranhão, Sandra Leal, que assumiu a direção da concessão da BRK no Maranhão.



Bárbara Moreira



Thayana Vieira



Ana Luiza



DJ Blemmes e Geovana

Noite para lançar o Réveillon Charme Atins 2026

O Ça-Vá Gastrobar, em São Luís, foi palco de uma noite marcante que reuniu uma turma elegante e animada da Ilha para celebrar dois grandes lançamentos: o Réveillon Charme Atins 2026 e a chegada da cerveja Praya à cidade. Em um ambiente sofisticado e acolhedor, o evento apresentou os detalhes do Réveillon mais charmoso do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, que será realizado no Charme Beach Bar, unindo o melhor da gastronomia, música e natureza em uma experiência all inclusive com buffet assinado pelo chef Rafael Libério. Entre brindes, boa música e conversas inspiradas, convidados brindaram à nova parceria com Praya, que chega a São Luís trazendo leveza, sabor e a essência tropical que combina perfeitamente com a decoração intimista, luzes douradas e uma energia contagiante, o evento foi um verdadeiro preview do Réveillon Charme Atins – uma celebração que promete encantar à beira-mar com atrações nacionais, alta gastronomia e uma queima de fogos inesquecível para receber 2026 com charme, alegria e boas vibrações.



Rayssa Reis, Faelly Cutrim, Themmys Valle e Layla Sousa



Grupo de belas mulheres que prestigiaram o evento



Alexandre Prado e Richard



Flávia Motta, Furlan, Karina Rocha, Raul, Ana Luiza e Amanda Alícia



Fernandes, Carlos Eduardo, Alexander, Vitor Cardoso e suas esposas